

ELEIÇÕES MUNICIPAIS

Luiz Carlos Bresser-Pereira

IstoÉ-Senhor, 23.11.1988

A vitória de Luíza Erundina, do PT, em São Paulo, de Marcelo Alencar, do PDT, no Rio de Janeiro, e de Pimenta da Veiga, do PSDB, em Belo Horizonte, ou seja, a vitória de três candidatos de esquerda ou de centro-esquerda nas três principais cidades do Brasil, tem apenas um significado absolutamente claro, que já foi assinalado por todos: o repúdio do eleitorado ao governo e ao PMDB, à incompetência, ao fisiologismo e à corrupção que se instalou a nível federal e em boa parte dos governos estaduais, e às conseqüências dessas três características em termos de inflação e estagnação econômica.

Como resposta a esse protesto o eleitorado votou em massa nos partidos de esquerda. Apenas no Nordeste, onde o voto ideológico ainda não prevalece, não foi possível observar esse fenômeno com clareza. É importante assinalar esse fato porque o voto de protesto poderia, perfeitamente, ter se dirigido na direção da direita, caso o eleitorado não identificasse o governo Sarney com a direita e com o regime autoritário anterior. Mas está claro que os eleitores brasileiros não se deixaram enganar. No caso de São Paulo esse repúdio não ficou tão claro porque Paulo Maluf, ao mesmo tempo que obtinha o voto da direita ideológica, que não hesitou em nele votar apesar de saber de toda a corrupção em que seu governo esteve envolvido, conseguiu um considerável número de votos das camadas mais baixas da população graças à estratégia de desvincular-se do governo autoritário anterior. Foi mais claro o repúdio a Quéricia que, apesar de ter em Leiva um candidato competente e respeitado, recebeu uma reprovação violenta de todas as classes de São Paulo devido ao envolvimento do seu governo com o governo federal e a corrupção.

Em termos partidários, o grande vitorioso foi o PT, que se beneficiou do fato de ter-se oposto sempre e coerentemente ao governo Sarney. O PDT de Brizola também se beneficiou desse fato, mas em menor grau. O PSDB não teve um grande desempenho não apenas porque é um partido muito novo, em fase de organização, mas também porque, embora tenha nascido do rompimento com o governo federal, não teve tempo para deixar clara essa desvinculação. Esta está clara, entretanto, em relação

a seu provável candidato à presidência da república, Mário Covas, que, desde o início de 1987 foi no Congresso o principal líder da oposição ao governo Sarney.

É cedo para se tirar conclusões a respeito da repercussão destas eleições sobre a escolha do presidente da república no próximo ano. Na medida em que os governadores mais importantes do PMDB foram derrotados, está claro que Ulysses Guimarães será o candidato do partido, mas está claro também que suas chances eleitorais são mínimas. Embora deva tentar recuperar o eleitorado de esquerda, na verdade não terá outra alternativa senão ser o candidato da direita, que está órfã de líderes, a não ser que opte mais uma vez por desmoralizar-se com Jânio.

Quanto à esquerda, dividirá seus votos entre Lula, Brizola e Covas. Lula foi aparentemente o grande vitorioso, mas continua um candidato inviável a não ser que aprofunde a desradicalização não apenas de seu próprio discurso, mas também do discurso de seu partido. Brizola continua o eterno fantasma para a direita e para boa parte da esquerda. Covas, embora seu candidato tenha sido derrotado em São Paulo, continua sendo o candidato mais próximo do centro entre os três. Não conta com o apoio, certamente não tem o veto da classe política e ideologicamente hegemônica no Brasil - a burguesia. Ora, como ficou claro nas eleições passadas que o MDB e depois o PMDB foram vitoriosos, essas vitórias a nível nacional só ocorreram quando o veto da burguesia sobre esse partido, então de oposição e com uma imagem de centro-esquerda, foi suspensa. Por isso, com a vitória das esquerdas nestas eleições municipais a candidatura de Covas à presidência da república em 1989 provavelmente terminará saindo fortalecida.